

Imagem no Brasil

André dos Santos Souza

*O negro pisou no topo do morro
Pegou sua viola e tocou pro povo
Pro povo do crime
Que foi chegando e colocando
As suas armas devagar no chão
O mesmo chão que guarda o sangue
O mesmo chão de correrias
O mesmo chão de tantas famílias
Que hoje batucam o mesmo som
(O Rappa – Na palma da mão)*

UBUNTU – Sentido colaborativo da existência humana - Corporeidades negras e “Democracia racial”

Ubuntu é, partindo, desse princípio, oriundo da filosofia Bantu, que busco seguir em minha caminhada como professor pesquisador negro. Refletir sobre alguns processos sócio-antropológicos que laboraram para a *negação das corporeidades negras* é um dos meus objetivos. O princípio comunitarista, desdobramento dos Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, incorporado ao “*sersentir*” negro foi roubado de nós. O mito da democracia racial dividiu as forças afro-brasileiras colocando negros X mulatos, diminuindo a colaboração entre ambos, fazendo desses últimos uma *classe racial* intermediária, resultando em uma cisão nas potencialidades negras em termos de luta contra a alienação identitária que se desenvolveu.



A segunda metade do século XIX é especialmente importante para a construção das corporeidades negras brasileiras. Nesse período, as populações negras e mestiças eram numerosas no contexto social deste país, e o Brasil se caracterizava como cenário único e especial em termos de miscigenação racial, algo que preocupava as elites dirigentes por entenderem que a *hibridação das raças* ameaçava suas ideologias, uma vez que pretendiam construir uma nação branca, cristã, eurocêntrica e que, conseqüentemente, não deveria incluir o negro.

Ainda que a escravidão de seres humanos seja algo chocante aos nossos olhos, fruto da relação entre opressores e oprimidos, não podemos deixar de observar seu emprego enquanto *modo de produção*, que tinha por finalidade formar forças de trabalho em atendimento ao mercado consumidor. Logo, o que era produzido pelos escravizados se convertia em lucro financeiro para as elites as quais atribuíam ao negro uma suposta inferioridade biológica e cultural. E, sendo o negro considerado inferior, poderia ser escravizado e comercializado, segundo esta perspectiva.

Contudo, devido à falta de força de trabalho para tarefas intermediárias, essas passaram a ser ocupadas pelos mestiços e isso os fez acreditar que teriam um lugar especial na sociedade brasileira, já que o fenótipo negroide atenuado os distanciava dos negros indistigáveis, o que, no entanto, não necessariamente os faziam se aproximar dos brancos. A aparente aceitação do mestiço pela sociedade brasileira, colocou um véu sobre as tensões raciais, contribuindo para o mito da democracia racial e a decorrente alienação identitária, o que constitui um dificultador na formação de identidades etnicorraciais negras positivas e faz com que negros e mestiços almejem assumir a identidade branca como suas, colocando-os nas relações de poder em posição de oprimidos.

No final do século XIX, com o processo escravocrata formal em declínio, a presença negra se tornava cada vez mais forte no *mundo dos brancos*. Com nossos valores e construções sócio-históricas,

marcas contundentes de nossa ancestralidade, carregamos em nossos corpos, sendo esses dispositivos de poder, de identidade e de comunicação a África dentro de nós.



As relações opressoras X oprimido hoje, ainda são traços fortes do Brasil colônia, onde encontramos nas classes subalternizadas a grande maioria da população negra, consequência do abandono histórico sofrido por esta

população em decorrência dos estigmas que foram atribuídos a nossa cultura e as nossas formas de ser e de existir, onde as idéias dos conquistadores europeus ainda estão presentes e com força no imaginário da população em geral. Trata-se de mecanismos, às vezes, muito sutis, os quais só são percebidos com minucioso olhar e especial atenção aos processos de construção deste país.

Vivemos tempos difíceis, a colaraboração nunca foi tão necessária, dessa ótica, *UBUNTU* representa a coletividade, a união de esforços por dias mehores e por uma sociedade menos desigual, pois como preconiza este princípio: *Quando um de nós vence, a vitória é coletiva.*

Mojubá!!!

Sobre o autor

André dos Santos Souza é mestrando em Educação pela UERJ-FFP, Especialista em Educação Física Escolar pela UFF-IEF (2017), licenciado em Educação Física pela UNIVERSO (2000) e professor da rede municipal de educação do Rio de Janeiro e de Itaboraí.